Psicologia da Educação

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

Material Teórico

Relações Humanas na Escola e na Sala de Aula

Responsável pelo Conteúdo:
Prof. Ms Pascoal Ferrari
Profa.Dr Rosana Tosi Costa
Revisão Textual:
Profa. Dra. Patrícia Leite

UNIDADE Relações Humanas na Escola e na Sala de Aula

Nessa unidade, vamos tratar do tema "Relações humanas na escola e sala de aula", a princípio faremos uma reflexão a respeito da importância das relações humanas e o desenvolvimento do indivíduo e do coletivo. As relações humanas na escola será o ponto de partida desta unidade.

Também faremos uma reflexão a respeito das relações humanas na escola, sobre o olhar de pensadores como: Paulo Freire, Levi Vygotsky, Henry Wallon e Jean Piaget. Finalizaremos a unidade com algumas sugestões para professores sobre as relações humanas na sala de aula.

Então, bom estudo e lembre-se em caso de dúvidas, estarei em contato com você através do ambiente virtual.

Nesta unidade, abordaremos a temática referente às relações humanas na escola e na sala de aula, perceba que nesta relação os conflitos e reações adversas são esperados e tomados como movimento normal dos encontros e desencontros. Pensaremos sobre o gerenciamento e a negociação destes conflitos, o importante é respeitar as individualidades no coletivo.

Observe que esta interação conflitante deve ser tomada como uma das bases para potencializar a interação entre sujeitos e mundos, possibilitando o desenvolvimento pessoal dos participantes. Neste processo, entendemos que a Psicologia contribui para aclarar estes conflitos.

Em seguida, faremos apontamentos e sugestões sobre como a abordagem interacionista contribui para melhor entendermos estas relações através do olhar de Piaget, Vygotsky, Wallon e Freire.

Atenção

Quanto às atividades propostas na Unidade, é importante que você realize todas com afinco e determinação. Teste seus conhecimentos respondendo às questões sugeridas, observe o que você já sabe e o que precisa ainda saber, e amplie seus conhecimentos lendo o material complementar.

Contextualização

Para nosso momento de contextualização, sugerimos que você conheça e explore o site oficial do movimento brasileiro "Todos pela educação". No site, você poderá entender melhor o que a sociedade organizada brasileira está fazendo pela educação.

No site você conhecerá estatísticas sobre a educação brasileira, as metas educacionais para o Brasil e inúmeras reportagens sobre a educação. Trata-se de um site interessante para quem quer conhecer melhor como está se mobilizando a sociedade brasileira a respeito da educação. Esperamos que as informações contidas no site o mobilizem também.

Ainda, neste site, damos destaque a um vídeo sobre as 5 metas para a educação brasileira. Explore esta parte do site refletindo sobre: no que você poderia contribuir para melhorar a educação do Brasil?

Explore

http://www.todospelaeducacao.org.br/

http://www.todospelaeducacao.org.br/institucional/quem-somos/

A importância das relações humanas e o desenvolvimento do indivíduo e do coletivo.

As pessoas convivem em espaço e tempo, juntas, buscam no contexto conversar e interagir umas com as outras. Dependendo da qualidade das relações interpessoais, se afastam ou se aproximam dependendo da articulação desse processo. Uma boa relação – qualitativa – pode levar o grupo/equipe ao sucesso, caso contrário, teremos grandes conflitos, dificuldades de entendimento, antipatias e desmotivação para continuar nas relações.

Não é nada fácil elaborarmos, construirmos e mantermos relacionamentos, principalmente, se estivermos em ambientes com pessoas diversas e com histórias também diversas. Encontrarmos o ponto de intersecção entre a maioria requer esforço, vontade e dedicação, além de tolerância, paciência, cooperação e compreensão de que nas relações estamos, ao mesmo tempo, lidando com os aspectos individual e coletivo.

No individual, nos referimos a cada sujeito enquanto ele mesmo, com suas habilidades, competências, saberes e tantos outros elementos pessoais e que representam a sua essência – identidade. Para o coletivo encontramos as variações, o nosso diferente, elementos, às vezes, avesso ao que penso e sinto, regras, padrões e condições da generalidade. É o momento do sujeito e o mundo, nas práticas cotidianas, de se encontrarem e se perceberem. É como se encontrássemos um enorme espelho que nos reflete, porém ao contrário.

Conflitos e reações adversas são esperados e tomados como movimento normal dos encontros e desencontros, no entanto, o gerenciamento e a negociação do processo devem ser levados a efeito no sentido de respeitar as individualidades no coletivo, apreendendo o que representa os padrões coletivos para a individualidade. A interação conflitante deve ser tomada como uma das bases para potencializar a interação entre sujeitos e mundos, possibilitando o avanço – desenvolvimento – de um e de outro reciprocamente.

A Psicologia contribui para isso quando enfatiza o compromisso social direcionado para a transformação da sociedade. Porque queremos uma sociedade justa e igualitária, em que todos possam ter acesso aos bens da cultura, da política, da economia e a inclusão onde todos possam viver com honestidade e dignidade.

Com relação ao contexto escolar e na sala de aula, desejamos o mesmo, porque a escola e a sala de aula representam a coletividade social formada de inúmeros indivíduos. É um contexto de interação entre pessoas que dependendo da qualidade das relações pode haver conflitos e o que já foi posto com o agravo de levar pessoas à desistência por desmotivação – sair da escola, da sala de aula, desistir de tentar e prosseguir evitando, assim, as antipatias (com colegas, professores e demais indivíduos envolvidos).

Diálogo com o Autor

É necessário desenvolver no contexto escolar relações interpessoais que permitam uma integração das diversas áreas do conhecimento e das diferentes funções de cada membro da escola, reconhecendo a necessidade de superação da fragmentação do saber e dos fazeres [...] (PEDROSA, 2006. p.86).

A intenção é construir uma escola mais humana, em que o contexto seja organizado considerando todas as vivencias, possibilitando a contribuição de todos para que todos participem e ajudem a transformação de si, do outros e da sociedade como um todo. Lugar onde alunos, professores, funcionários, direção e comunidade, conscientes de suas competências percebam-se participantes e responsáveis pela construção (pelas condições do transformar), de uma nova escola e uma nova sociedade. Segundo Paulo Freire, *"Só ensina quem aprende e quem aprende, ensina"*.

Então, é preciso organizar a escola/sala de aula como um lugar de debates, de discussões críticas e diálogos fundamentados pela reflexão coletiva. Um lugar de falar, se expressar, de propor, criar e recriar. Não, simplesmente, um lugar para ouvir e se calar com ausência de participação. Deve-se romper como a passividade e o imobilismo que não caracterizam o humano, mas, sim, o torna um ser receptor e reprodutor das relações hierárquicas determinadas e sem valor de significação para o nosso viver.

Atenção

Temos como objetivo a formação de pessoas humanas capazes de pensar, falar e fazer de maneira crítica, questionador e propositor de alternativas de superação de si e dos objetos do mundo, em um ambiente histórico e social estimulando pluralidade de experiências e de ideias.

Propõe-se a formação de um ser livre e emancipado para compreender-se como necessário e importante em todos os setores da sociedade, culturalmente capaz e consciente de ser, reciprocamente, influenciar e ser influenciado, onde as dependências são aparecem como imposições e, sim, como fator de estímulo para o contínuo movimento do vir a ser.

Um desafio para os professores: educar na perspectiva das relações pessoais.

Parece expressão comum quando se afirmam, em escola, que o desejo é a formação de um ser crítico e transformador. Obvio quando estamos em uma matriz do conhecimento interacionista. Porém, o que, na maioria das vezes fica, é o discurso e (olhe lá!) a boa intenção.

O problema parece estar quando não se tem entendimento e consciência do que seja, na prática, levar o ser a se transformar em crítico e transformador.

No nosso ideário pedagógico parece que a confusão se faz quando crítico é o sujeito que fala mal de tudo e transformador quando afeta pessoas com a indisposição que deixou pela falta de elegância e pelo ataque impulsivo, e no geral, grosseiro e ingênuo.

Tratemos de sinalizar que as atitudes mencionadas refletem muito mais a **alienação** do que qualquer outro elemento da formação do comportamento humano.

Assim sendo, conforme Leite e Coelho (2010) muitas das propostas de formação de ser crítico, trazidas para a educação, estão muito mais para o cunho de matrizes Objetivista (conservadoras) do que as consideradas interacionista/críticas.

A nossa posição é marcante: temos que modificar e transformar as tendências conservadoras e marcharmos na direção oposta, ou seja, apreender o que é um ser crítico e transformador (na visão interacionista) e propor perspectivas para construí-lo e educá-lo; superando o ser que afeta pela via da consciência ingênua.

Informação

Para a formação de um ser crítico, reflexivo e consciente só idealizamos um caminho: **educar pela perspectiva das relações pessoais**, já discutidas em termos de importância para a formação do ser.

Porém, como fazê-la em sala de aula? Para tal discussão, temos como condutoras a teoria de Freire, de Vygotsky, Wallon e Piaget e alguns de seus interlocutores que nos ajudarão no processo de primar pelas relações humanas na educação escolar.

1. Paulo Freire

Iniciamos pelas ideias de Paulo Freire (1979, 1985). Ele defende a educação para orientar o sujeito a passar de uma consciência ingênua para uma consciência crítica a respeito das suas relações com o mundo. Assim, defende que pelo exercício de reflexão, sobre aspectos vivenciados na realidade social, essa mesma realidade torna-se conhecida e passível de ser compreendida enquanto condição própria e, assim, com maior significado. Nesse sentido, Freire propõe que a educação e a escola devem exercer papel fundamental na conscientização dos indivíduos, desde que haja planejamento comprometido com esse movimento e que se promova o **diálogo** entre os indivíduos envolvidos no mesmo contexto de realidade. Assim:

Diálogo com o Autor

O processo de alfabetização política – como processo linguístico – pode ser prática para a domesticação dos homens ou para sua libertação. No primeiro caso, a prática de conscientização não é possível em absoluto, enquanto no segundo caso o processo é, em si mesmo, conscientização. (FREIRE, 1979, p.27).

Percebemos que o processo educacional é extremamente viável para provocar reflexões para o processo de elaboração da consciência crítica, colocando os sujeitos em questionamento contínuo sobre o que enfrenta na sua realidade social, centrado no diálogo e na troca de experiências entre alunos e professores na sala de aula.

Cabe mencionar que, a escola por ser um espaço de relações humanas, pode se constituir para orientar os sujeitos rumo à consciência crítica pela via do diálogo e, também, por seleção de conteúdos que facilitem o refletir sobre as diversidades da realidade social.

Nesse contexto, o papel do professor é fundamental para o exercício contínuo do diálogo, bem como para inserir os variados conteúdos da cultura geral. Ele é o **animador** dos debates e das reflexões, primando por relações saudáveis que sejam marcadas pelo respeito, cooperação, tolerância, fraternidade e outros tantos valores ideários para a formação do ser em humano.

Em considerando o exposto, o diálogo passa a ser considerado como estratégia básica para a construção e a manutenção das relações humanas na escola e na sala de aula para abordar todas as situações vivenciadas e, principalmente, as conflituosas e não compreendidas da realidade como um todo.

Pense

Dialogar é a expressão máxima das relações humanas na educação e permite que, nas trocas constantes, os sujeitos, ao se comunicarem, promovam as interações sociais, potencializem a formação de pensamentos, criem, busquem e, vivam em harmonia percebendo-se como necessários e importantes para a cultura e história.

2. Levi Vygotsky

Para Vygotsky, não há desenvolvimento humano sem as interações sociais historicamente demarcadas. Eu e o outro/outros temos uma significação fundamental para que o sujeito e o mundo possam avançar. É nas relações humanas que o ser se torna verdadeiramente humano.

São as relações humanas que permitem que o mundo seja uma construção dos próprios homens e que tenham suas marcas e sentidos; superando as imposições e os determinismos característicos do mundo animal.

Homem e mundo estão continuamente em trocas contínuas em que um se faz importante para a constituição significativa do outro. Nesse sentido, a linguagem e as suas relações com o pensar são lugar central na obra de Vygotsky. Para ele, a linguagem tem como funções básicas o **intercâmbio social e a organização da realidade no processo de pensamento.**

No intercâmbio social, a linguagem é instrumento necessário para a comunicação entre os homens. Sem ela, não teríamos condições de estar interiorizando o que temos como recursos do meio ambiente e da sociedade como um todo nas suas estruturas social, política e cultural.

É a linguagem que traz o material existente em nossa cultura quando nos relacionamos com outras pessoas de nossa existência. A própria linguagem é que possibilita a elaboração da linguagem. Isto é, se não interagíssemos com outros não conseguiríamos aprender a língua que marca a nossa cultura. Aprendo a dizer "mãe", porque esse é o termo que identifica a nossa progenitora; se fosse, em inglês ou japonês a palavra seria outra. Não só aprender a palavra, principalmente, apreender o seu significado (conceito); mãe não somente aquela que nos deu à luz, o termo traduz sentidos tais como aquela que cuida, que é protetora, que padece no paraíso etc.

Percebemos que na teoria vygotskyana põe-se em evidencia o papel da linguagem como elemento fundamental para a interiorização do meu universo de vida e que a linguagem é própria das relações entre os seres humanos.

Também, a linguagem, que é o instrumento de comunicação/interação com os outros, possibilita que os pensamentos sejam formados e organizados em uma lógica em que, na medida em que me comunico, internalizo o que recebo enquanto informação e necessito organizar e significar o que recebi para planejar a reação ou a resposta. Há o despertar do funcionamento da nossa mente para que internamente processe o recebido e processo a devolução do mesmo. Porém, de maneira lógica e organizada pela via da minha linguagem, que fará com que o outro passe pelo mesmo processo; isso em um movimento contínuo, obrigando a mudança da linguagem e a mudança de pensamentos.

Ora, não somos estáticos, estamos em pleno movimento de transformação individual e coletiva – interação pela via das relações humanas.

Diálogo com o Autor

[...] a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa. Nesse processo, a relação entre o pensamento e a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar uma coisa com a outra, a estabelecer uma relação entre as coisas. Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve. Desempenha uma função, soluciona um problema. Esse fluxo de pensamento corre como movimento interior através de uma série de planos [...]. Vygotsky (1989, p.108).

Como é possível constatar pelo exposto, as relações humanas são fundamentais para o pensar e para o falar e vice-versa. Se o homem fosse isolado, muito provavelmente, não teria a capacidade de se comunicar e tampouco de pensar sobre a sua realidade e sobre si mesmo.

Desta forma, primar pela comunicação, pelas trocas pela via da linguagem é fundamental para o desenvolvimento e transformação recíproca homem e mundo (outros homens) e mundo (outros homens) e o homem.

Para Vygotsky, o papel do professor é fundamental para garantir as interações linguísticas em sala de aula e na escola, porque ele passa a ser um discurso de suporte, não para julgar ou estabelecer correções ou incorreções, sim para orientar o aluno a um novo modo de olhar, observar, categorizar e conceituar os objetos trazidos para a discussão via linguagem e expressão do seu pensar.

As intervenções dos professores nas relações humanas, via linguagem, serão o de buscar entender o que o aluno discursou e ressignificar, a mesma fala, dentro de uma lógica linguística diferente, porém, ampliada e mais rica de significados para que o discurso individual seja compartilhado pelo coletivo sem qualquer caráter reprodutivo. Esse discurso de suporte é uma forma de esclarecimento, pistas e fornecimento de tantas outras informações que una o grupo em uma verdadeira equipe pensante e falante (cf. BAQUERO,1998).

Atenção

Importante salientar que Vygotsky defende que quanto mais há trocas de influência entre o pensamento e a linguagem, nas relações humanas, mais resulta em desenvolvimento intelectual, ou seja, nas relações que a linguagem tem papel basilar mais inteligente fica a pessoa.

Portanto, que a escola possa organizar seus trabalhos pela via da troca linguística e favorecer aos sujeitos muito mais oportunidade de expressar seus pensamentos, sempre primando pelo discurso de suporte que é, nada mais, que o respeito e a tolerância para com todos, respeitando capacidades e formas de criar entendimentos sem perder o foco da construção do sujeito pela via social e histórica.

3. Henry Wallon

Henry Wallon defende que a relação que a pessoa mantém como o seu meio é de extrema importância para a formação de sua personalidade, ou seja, ajuda a organizar o modo como o indivíduo vai se posicionar frente à sociedade, determinando papéis e lugares a serem desempenhados no conjunto/coletivo.

Conviver e se relacionar em grupos, segundo Wallon, dá ao homem ferramentas para tornar-se um ser da humanidade. É nesta situação que a pessoa poderá vivenciar diferentes realidades e histórias, alargando sentidos para perceber a diferença entre si mesma e os demais membros do seu meio.

Nas relações humanas postas nos grupos de interação, o sujeito, as diferenças percebidas e as diversidades de organização histórica fornecem possibilidades para que se aprenda assumir e dividir responsabilidades, apreendendo regras, trabalhando conflitos, compreendendo a necessidade de estar vinculado aos outros, num eterno aprender a conviver, com tolerância suficiente para perceber que as diferenças acrescentam na formação da personalidade.

Nas relações humanas grupais, o sujeito poderá ter acesso aos bens da cultura e trocar constantemente informações e saberes modificando-se e modificando o seu entorno.

É nas relações humanas que a pessoa se aperfeiçoa de forma integral nos seus diferentes aspectos que não só garantem a sobrevivência física como, principalmente, a social e psíquica. Para relacionar-se, a pessoa necessita desenvolver elementos do pensamento (cognição), das expressões corpóreas (motricidade) e fazer vínculos (interação) afetivos que afetam a si e outros no sentido transformador.

Portanto, a plenitude do ser é possível quando está junto (relacionamento) aos seus; isolado não existiria a capacidade de ser e de sobreviver.

> Para acompanhar a leitura feita por Wallon é preciso um esforço para escapar de um raciocínio dicotômico, que fragmenta a pessoa (ou motor ou afetivo; ou afetivo ou cognitivo) na direção de um raciocínio que apreenda a pessoa como resultado da integração dessas dimensões (motora-afetiva-cognitiva). Essas dimensões estão vinculadas entre si, e suas interações em constante movimento; a cada configuração resultante, temos a totalidade que se expressa na pessoa. Cada configuração cria novas possibilidades, novos recursos motores, afetivos cognitivos que se revelam em atividades que, ao mesmo tempo que convivem com atividades adquiridas anteriormente , predominam e preparam a mudança para o estágio seguinte.
>
> (MAHONEY e ALMEIDA, 2000, p. 11-12)

Avançar para a integralidade do ser humano necessita da consideração da importância do pertencer, ou seja, fazer parte de um grupo cujas relações se deem como fator primordial. As relações humanas não são condições quaisquer e, sim, instrumentos para o ser nas suas variadas dimensões.

Informação

Importante ressaltar que é pelas relações humanas que a emoção, o afeto, os sentidos se organizam e se orientam. O humano se faz humano na medida em que construa pensamentos e ações refletidas e lógicas para conscientizar-se do como afeta e é afetado nas suas relações. Afetividade, vínculos pensados criticamente, não nasce com a pessoa; é elaborada conforme as respostas dos grupos da qual pertencemos.

Aprimoramos pensamentos e ações na medida em que garantimos afetos positivos e qualitativos. Quanto a isso, Wallon é categórico: a escola é o lugar de excelência para a formação integral do sujeito quando nos variados grupos. Primando pelas relações humanas, o aluno poderá vivenciar papéis e regras diferentes, também ser socializado quanto à tolerância às diversidades culturais e históricas.

> As crianças devem frequentar a escola para se instruírem e para ficar familiarizada com um novo tipo de disciplina e de relações interpessoais.(MAHONEY e ALMEIDA, 2000, p. 79)

Neste contexto, o papel do professor é fundamental, defende Wallon. É ele que, como coordenador de grupos humanos, observa a dinâmica do grupo (em suas relações) e intervém, apoiando e orientando o grupo para que encontrem o caminho do equilíbrio. Não é apenas um transmissor de conteúdos, é um representante legítimo da cultura que, ao selecionar o melhor dos saberes, faz a aproximação do aluno com o que é próprio da sua realidade imediata e mediata – aguça afetos que sejam positivos para o indivíduo e para o grupo.

> Tanto a seleção dos saberes como sua transposição didática aos alunos dependem do compromisso e da competência do professor. O aluno está à mercê dele! E quando o professor transmite uma informação está construindo a inteligência e desenvolvendo a personalidade de seu aluno.
>
> A interação com o outro e a interação com a cultura ampliam o conceito de socialização: a criança e o jovem tanto podem socializar-se, relacionando-se com os membros da família, da vizinhança, do grupo da escola, como também lendo um livro, ouvindo uma música, apreciando uma pintura.
>
> Wallon ressalta que é dever da escola oferecer às crianças, sem discriminação, o que há de melhor na cultura. (MAHONEY e ALMEIDA, 2000, p. 81).

A escola não pode prescindir de se reconhecer como um contexto de relações humanas, cujo objetivo é o desenvolvimento integral do ser e do seu coletivo. A interação entre pessoas deve ser orientada para fortalecer personalidades, a autoestima, a confiança em si e nos outros, respeitando a si e aos outros e sendo solidário e cooperativo nas variadas relações.

Assim, a sala de aula transforma-se em um ambiente de construção de convivências e o professor um mediador das relações, lúcido e consciente que, querendo ou não, é um modelo relacional a ser seguido.

4. Jean Piaget

As relações humanas para Piaget são fundamentais quando partimos da discussão de que ele defende a teoria de que os sujeitos são, no princípio do seu desenvolvimento egocentristas.

O que significa isso? Piaget empregava o termo para explicar o nascimento do pensamento da criança no seu estado mais primitivo, ou seja, sem a socialização, a criança tende a apresentar conceitos e explicações que são particulares e pessoais, sem ligação com a lógica do que é aceito na cultura como condição geral. Para a criança, o objeto ganha significados e conotações que, na maioria das vezes, só ela entende.

O egocentrismo também se caracteriza quando o sujeito não consegue distinguir entre si mesmo e o seu meio externo; é uma espécie de indiferenciação – não há diferenças entre eu e o outro (s). A consciência do eu, ou de si mesmo, aparece a partir de uma crescente distinção entre as próprias perspectivas e a dos outros e em uma ascendente ordenação cognitiva destas mesmas perspectivas. “Distinguir e coordenar perspectivas são duas atividades mentais que engendram o processo de descentração.” (LEITE, 1993, p. 42).

Atenção

Importante ressaltar que, esta fase do pensamento da criança é natural e normal. No entanto, sem que haja a intervenção do grupo social, sozinha ela não poderá superar esta fase.

Piaget ressalta que o processo de descentração surge nas interações entre a criança com adultos e outras crianças. Assim, as relações humanas são de grande importância para que haja a distinção do ponto de vista próprio e dos outros e a coordenação destas diferenças.

Nesse exato ponto, Piaget integra aos seus trabalhos os conceitos de cooperação, como um conjunto de ações entre os variados membros de um grupo para superação do egocentrismo e a possibilidade do sujeito seguir para a transformação necessária que é ser um ser social e de relações.

Desta forma, a escola e a educação (como um todo) têm um papel importante, ao promover situações que provoquem no sujeito maneiras de conflitar o seu ponto de vista com outros tantos, de forma que sejam primadas a construção progressiva de novas noções e ações frente a si e ao mundo. As novas possibilidades não são a negação das anteriores, tudo funciona em sistema integrado em que posições anteriores são bases para as posteriores, em um contínuo de aperfeiçoamento homem-mundo e vice-versa.

A escola, para Piaget, não é lugar para impor verdades absolutas, mas um lugar em que pessoas se encontrem para trocar impressões individuais (segundo sua história de vida) com outras tantas pessoas que têm o mesmo cabedal de elaborações. É no grupo, pela via das relações humanas que os sujeitos vão se percebendo e percebendo aos outros, ampliando a forma de ver a si e ao mundo. Nesse contexto:

Diálogo com o Autor

A educação pode ser considerada igualmente como um processo de socialização (que implica equilíbrio nas relações interindividuais e ausência de um regulador externo/ordens externas), ou seja, um processo de "democratização das relações". Socializar nesse sentido, implica criar-se condições de cooperação. A aquisição individual das operações pressupõe necessariamente a cooperação, colaboração, trocas e intercâmbio entre as pessoas.A socialização implica criação de condições que possibilitem a superação da coação dos adultos sobre o comportamento das crianças. O sistema escolar, por sua vez,deveria possibilitar a autonomia, circunstância necessária para que os alunos pratiquem e vivam a democracia. A atividade em grupo deveria ser implementada e incentivada, pois a própria atividade grupal tem um aspecto integrador, visto que cada membro apresenta uma faceta da realidade. (MIZUKAMI, 1996, p.71)

Podemos perceber, pelo exposto, que uma educação escolar, assim concebida, procurará investir nas relações humanas entre os pares, provocando os alunos para a constante busca de novas estratégias de pensamento, cooperativamente, para a sua inclusão na realidade social.

É o próprio sujeito que, observando as suas relações humanas, vai se autorregulando constituindo respeito e compromisso social sem que haja imposições externas, o que levaria o mesmo sujeito apenas a cumprir por reprodução ou recusar-se a fazer por não compreender o sentido e o significado das ordens dos outros.

O professor, no contexto, tem papel fundamental, reconhecendo-se como um dos polos da relação, criando situações que propiciem condições para a reciprocidade de cooperação ao mesmo tempo moral e lógica.

O professor deve conviver com os seus alunos, observando, dialogando com eles para auxiliar seus desenvolvimentos e aprendizagens, respeitando proposições e histórias de vida. Cabe a orientação necessária para que o aluno transcenda do egocentrismo para a socialização cooperativa, comprometida e respeitosa às diversidades que auxiliam na ampliação de saberes e percepções de realidade.

Outras considerações

As relações humanas na escola e em sala de aula têm um papel fundamental para contribuir com a formação e o aperfeiçoamento do ser. Para Wallon, não basta nascer humano temos que socializar, pela via do próprio humano, para que realmente o sejamos.

Ultimamente, o que temos visto na escola são pessoas totalmente desligadas sem afetos positivos e egocêntricos. Basta lembrar-se de tantas atrocidades assistidas no interior das escolas e salas de aula, veiculadas pela mídia e pela boca a boca: agressões entre os pares, entre alunos e professores, ausência de respeito com as coisas públicas (vandalismo) e o desrespeito a si mesmo como baixa estima e não acreditar na própria capacidade de ser e fazer.

O bullying é ação discutida em versos e prosa e ninguém consegue chegar a um denominador comum. Ora a culpa é do professor, ora do aluno, depois dos pais ou comunidade e até o sistema social como um todo.

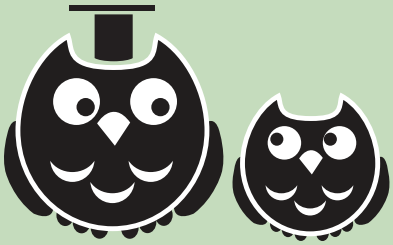
Então nos perguntamos: será que não são as relações humanas que estão sendo negligenciadas pelo próprio humano? E, a escola, que acolhe grupos de humanos; estará percebendo a sua dificuldade de trazer para o seu interior movimentos de humanização e cuidados com o incentivo aos relacionamentos cooperativos, amigáveis, respeitosos, comprometidos com o bem-estar comum?

E essa não é uma tarefa fácil e simples, pois exige, por parte dos responsáveis e preocupados com a educação, atenção, sensibilidade e esforços para compreender quais teorias temos para defender a importância das relações humanas na educação e na escola. Temos que, pelo menos tentar, por em prática o que sabemos e queremos.

Não podemos mais sustentar a formação de pessoas que são passivas, repetidoras e ingênuas quanto ao seu papel na transformação do mundo, o nosso mundo.

A educação não é neutra e traz ideologias (conjunto de ideias predominantes) que supostamente alimenta uma política que não suporta os sujeitos críticos. Alega-se que vivemos em uma democracia, mas o que temos é o voto (e olhe lá!). Sem participação efetiva nas decisões da nação, da cidade, do bairro e da escola, como ficamos?

Alega-se que as pessoas não sabem participar, no entanto, não nos ensinam. Até quando? Precisamos mudar para entender que as pessoas são importantes em todos os setores da vida e que, como afirmou Piaget, somos egoístas em uma fase da vida, porém com ajuda vamos construindo a nossa personalidade, entendendo a exata medida entre o eu e o outro. É assim, que a consciência ingênua passa a ser crítica. Não sozinhos, mas com outros capazes e carismáticos, históricos, com experiências para serem trocadas e compartilhadas.



Elogios a uma resolução diferente de um problema de Matemática, a uma composição original, a um desenho bem explorado, são apenas uma pequena parte de forjar o novo. É imprescindível que adultos, professores ou não, constituam modelos e atuem como colaboradores, na tentativa de reconstruir o passado para transformá-lo. Para tanto, é preciso indicar como separar o secundário do central, discutir as respostas obtidas, orientar a formulação de novas hipóteses e apontar aquilo que é produção pessoal, diferenciando-a das já existentes.

Ao longo da interação adulto-criança, cabe ao primeiro mediar e ajudar os mais jovens a se introduzirem no universo central da sua sociedade, confiando na sua competência para ensinar e naquela das crianças para se apropriarem do conhecimento já elaborado. Isso requer uma atitude positiva frente a aprendizagem dos iniciantes. Se o adulto não manifestar compreensão e empatia face as dificuldades do processo de aprender, provavelmente minará a base que as gerações futuras necessitam para construírem novas formas de pensar e atuar sobre o mundo.

(DAVIS e OLIVEIRA, 1990, p. 88-89).

Parece que pequenas atitudes podem render grandes efeitos, principalmente, quando nos reconhecemos humanos, trabalhando com humanos e na sua lapidação.

Na proposição de Paulo Freire: só ensina quem aprende e quem aprende, ensina e todos aprendemos juntos compartilhando, porque somos do mesmo universo social.

As relações humanas na escola e na sala de aula: sugestões

Piaget defende que não precisamos saber simplesmente das coisas, mas que, sobretudo, pensemos nelas de forma significada. Assim, não temos que dar respostas aos alunos, temos que fomentar questões, antes de tudo, precisamos acreditar que o conhecimento é possível para todos.

Sugerimos a seguir algumas ações que podem contribuir para o fazer diferente na escola e na sala de aula, forjando o novo, conforme Davis e Oliveira (1990).

a). Primar pelas interações em sala de aula/escola: Contribuir para que as atividades sejam dadas em termos das discussões compartilhadas, em que um seja o suporte do outro, em um movimento em que o professor será o discurso de suporte ajudando e incentivando trocas, orientando para que haja o complemento das proposições com inserção ao pensar e não ao contestar.

b). Procedimento de ensino: O professor não é o único a falar na sala de aula. Sem diálogo o professor está sujeito ao fracasso de sua exposição impositiva. O professor deve ser um mediador – animador – de debates e das trocas, incentivando os alunos a se relacionarem e se perceberem como complementares nas suas suposições e hipóteses. O professor deve ajudar na superação de pensamentos egoístas e baseados em falsas crenças, buscando significações mais amplas e criativas. O conteúdo tem que ser o melhor da cultura e ser compatível para conscientizar do que é real. O professor deve encorajar e valorizar o que é construído e trazido para a discussão em aula.

c). Uso da linguagem: Seja verbal ou não verbal, a linguagem tem importância fundamental na comunicação de fatos e fenômenos em sala de aula. Segundo Davis e Oliveira, a linguagem deve ser pensada e lógica para transmitir o que se deseja objetivamente partindo do que se sabe para noções mais desenvolvidas e ampliadas com o objetivo de ampliação e clarificação de conceitos e conteúdos.

d). O trabalho com os erros: Para Piaget, o erro está carregado de mensagens, principalmente, com a possibilidade de entender como o sujeito elaborou aquele tipo de resposta, ou seja, como a pessoa pensou sobre o que foi proposto. Para o interacionismo, o que vale é compreender o processo de aprendizagem e não o seu produto. O professor competente faz uso do erro do aluno para investir na reestruturação do que foi ensinado e ampliar os saberes sobre o conceito ou conteúdo.

e). O trabalho em grupo: Como dizem, não serve para um fazer e os outros aproveitarem. O professor deve acompanhar e orientar as relações estabelecidas no conjunto, supervisionando para que as pessoas se tornem mais atentas, ouvintes, cooperativas conscientes de si em suas proposições e que aprendam a incorporar críticas feitas as suas sugestões, defendendo ideias e revendo posições. É possível que no grupo um dos participantes alcance a compreensão não alcançada anteriormente, devido a estar em pares trocando dentro de vivencias compartilhadas. É facilitação para humanizar pela compreensão das diversidades.

f). Construção de regras coletivas: Quando uma regra é imposta pelo professor ou autoridade qualquer, a tendência é que ela seja quebrada e não seguida pela maioria. Se há cumprimento, talvez estejamos falando do medo da punição, porém, na essência, regras são desagradáveis e não convincentes. No entanto, cabe lembrar que aquilo que é vindo de fora não nos é próprio; é de outro; e não temos o mesmo nível de compreensão daquele que impõe a regra.

A regra pode ser boa para quem a criou e não para aqueles que serão submetidos a ela. Portanto, a boa regra é aquela construída no grupo, cujo valor é compartilhado pelas pessoas que a assumirão e, mais especificamente, é possível a negociação das normas e a estabelecer significação para a sobrevivência do próprio grupo. As regras quando discutidas e construídas nas relações humanas passam a ter um valor e percebidas como o sentido para orientar as ações do contexto.

O processo que permite a elaboração e a compreensão de regras é longo e envolve fatores afetivos e morais difíceis de serem tratadas pelo teor sensível da proposição. Assim, regras de conduta são importantes para a manutenção de grupos (sociais, da escola, a sala de aula), porém é necessário que o professor utilize recursos que supervisionem e organizem toda a discussão proposta.

O uso da ludicidade: O lúdico refere-se a ambientes e ações que promovam o prazer e a vontade de empenhar-se no que está sendo proposto. Leva as pessoas a um clima amistoso e acolhedor em que tudo inspira harmonia e equilíbrio. Não só os jogos, os brinquedos, a dramatização são elementos lúdicos, mas, principalmente, as atitudes que elevam e estimulam, garantindo aos sujeitos confiança em si e nos outros. Um grupo lúdico é aquele que afeta os sujeitos de maneira positiva e potencializa os laços de amizade e companheirismo, no caminhar solidário e corajoso. Esse tipo de atuação docente é de vital importância para garantir a continuidade e a permanência das pessoas no grupo e firmarem-se nas relações, verdadeiramente humanas, em que um se perceba nos outros, sem deixar de ser individuo

Material Complementar

Para complementar seus estudos, sugerimos que assistam a entrevista do Psicanalista Joel Briman e o Psicoterapeuta Ivan Capelatto para o programa "Café Filosófico" da TV Cultura. A entrevista esta dividida em 5 partes, destacamos as partes 3 e 7. Os trechos estão nos sites relacionados a seguir na ordem crescente. Assistindo à entrevista, você poderá refletir com mais com mais conhecimento de causa a respeito do papel do professor, do aluno e da família nas relações humanas na escola.

Explore

Assista à entrevista e boas reflexões sobre o tema:

http://www.youtube.com/watch?v=y14V1HeFX9Q

http://www.youtube.com/watch?v=6R1lBpBL8es

http://www.youtube.com/watch?v=8_A2lHAk0NU

http://www.youtube.com/watch?v=FbZFrKb7XcE

http://www.youtube.com/watch?v=9Vqaw51Tz9U

http://www.youtube.com/watch?v=XgHBPFY0sUM

Depois de ler o material e informar-se sobre a constituição do parágrafo e as diferentes possibilidades de elaborá-los, vamos pôr em prática esses conhecimentos nas atividades!

Bom trabalho!

Referências Bibliográficas

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relações interpessoais:** abordagem psicológica. [Regina Lúcia Sucupira Pedroza]. – Brasília: Universidadede Brasília, Centro de Educação a Distância, 2006. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/04_rel_int_pes.pdf Acesso em: 28/03/2012.

DAVIS, C. e OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação.** São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, P. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LEITE, L. B. As interações sociais na perspectiva piagetiana. In: **Construtivismo em revista.** São Paulo: FDE, 1993, p. 41 – 47.

LEITE, S. A. S. e COELHO, S.M.G. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Summus, 2010.

MAHONEY, A. A. e ALMEIDA, L. R. (org.) **Henry Wallon. Psicologia e Educação.** São Paulo: Loyola, 2000.

MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: E.P.U. , 1996.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky:** aprendizagem e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Anotações

Campus Virtual
Cruzeiro do Sul
Educação a Distância

www.cruzeirodosulvirtual.com.br
Campus Liberdade
Rua Galvão Bueno, 868
CEP 01506-000
São Paulo SP Brasil
Tel: (55 11) 3385-3000

Universidade Cruzeiro do Sul

Módulo Centro Universitário

UDF Centro Universitário

UNICID Universidade Cidade de S. Paulo